

## China – Brasil: globalização, nova literatura mundial e “competência de mundo”

Horst Nitschack

**Resumo:** O conceito de “Weltliteratur”, originalmente traduzido como “literatura universal”, mas hoje principalmente traduzido como “literatura mundial”, foi cunhado no final do século XVIII e se tornou um termo relevante por meio de J. W. Goethe. Por um lado, ele compete com o conceito de literatura nacional, mas, ao mesmo tempo, também indica uma política segundo a qual as literaturas nacionais se tornam “literaturas do mundo”, ou seja, recebem “competência de mundo”. Isso depende tanto de sua recepção internacional, hoje global, quanto do horizonte em que são escritas. Embora a internacionalização da literatura nos séculos XVIII e XIX tenha sido quase que exclusivamente determinada pelas literaturas europeias, uma mudança decisiva tornou-se evidente na segunda metade do século XX. Atualmente, a reorganização econômica e cultural do mundo, caracterizada principalmente pela descolonização e pelo Sul global – que inclui em grande parte os países do BRICS – apresenta um novo desafio para transformar essas literaturas nacionais em literaturas do mundo com uma “competência do mundo”. O artigo argumenta que a literatura em sua qualidade de literatura do mundo ainda deve ser considerada um meio relevante para promover a “competência do mundo” entre seus leitores, especialmente sob as condições em que atores culturalmente significativos entram em cena na literatura mundial.

**Palavras-chave:** Literatura mundial. Globalização. Competência de mundo.

## China – Brazil: globalization, new world literature and “world competence”

**Abstract:** The concept of “Weltliteratur”, originally translated as “universal literature”, but today mainly translated as “world literature”, was coined at the end of the 18th century and became a relevant term through J. W. Goethe. On the one hand, it competes with the concept of national literature, but at the same time it also indicates a policy according to which national literatures become “world literatures”, i.e. receive “world competence”. This depends both on their international reception, which is now global, and on the horizon in which they are written. Although the internationalization of literature in the 18th and 19th centuries was almost exclusively determined by European literatures, a decisive change became evident in the second half of the 20th century. Today, the economic and cultural reorganization of the world, characterized mainly by decolonization and the Global South – which largely includes the BRICS countries – presents a new challenge to

transform these national literatures into world literatures with a “world competence”. The article argues that literature in its capacity as world literature should still be considered a relevant means of promoting “world competence” among its readers, especially under the conditions in which culturally significant actors enter the world literature scene.

**Keywords:** World literature. Globalization. World competence.

O deslocamento dos centros de poder mundial, prognosticado para o séc. XXI, das nações do norte que se industrializaram ao longo do séc. XX, para os países BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) vai ocorrer no âmbito de uma crescente globalização. Essa reorganização econômica e política consequentemente também terá como resultado uma valorização das tradições e produções culturais dentro desses novos centros de poder, de forma que, ao mesmo tempo, lhes serão colocadas novas responsabilidades e incumbências: não só será o caso de situar as próprias culturas no meio dessa nova constelação, mas também – e isso, de certo, é igualmente importante – assumir responsabilidades dentro dessa nova constelação cultural global, dentre as quais, desenvolver perspectivas de como os “lados obscuros” da globalização exclusivamente determinada pelas nações industrializadas do norte podem angariar no futuro uma forma mais “humanizada”. Caso Brasil, Índia, China e África do Sul – países que por muito tempo foram afetados pelos efeitos das distintas políticas coloniais (a Rússia, enquanto nação independente desde a Idade Média, encontra-se em uma outra situação) – devam assumir posições de poder de guias do futuro, isso significa que, com base em seu próprio passado, também lhes é exigida uma nova ética da globalização cultural. A literatura, enquanto o meio linguístico mais importante para a reflexão e a crítica, mas também para projeções construtivas, não perdeu, neste contexto, a sua relevância, apesar das revoluções midiáticas das últimas décadas – em todo caso, partimos desse princípio nas subseqüentes páginas. Trata-se de uma literatura que se compreende, de modo bem consciente, como “literatura mundial”, enquanto uma literatura que se descola das amarras nacionais e que é escrita e lida em meio à consciência de uma responsabilidade pelo “mundo”.

Ainda não é possível de prever, quais serão as formas concretas que vai assumir esse processo de globalização provocado por constelações de poder modificadas e por inovações tecnológicas, mas também causado por condições naturais alteradas, seja por efeitos do ser humano, seja por efeitos cósmicos.

De maneira similar de como era inimaginável o futuro da era pós-*-napoleônica* de 200 anos atrás e das nações latino-americanas recém independentes; de como ninguém tinha noção nem do crescimento veemente da população mundial depois da I Guerra Mundial, nem do desenvolvimento tecnológico de nosso tempo; da mesma forma a realidade em inícios do séc. XXII terá uma fisionomia, cuja aparência nos hoje é velada.

Fazer prognósticos acerca do que o futuro possa trazer, sempre é tarefa, não apenas arriscada, mas também exposta a grandes equívocos. De todo modo, aquilo que se nos apresenta como certo, é que o mundo poderá contar com novos atores ao longo deste século, com atores que também irão levantar sua voz na mídia "literatura" e que irão dar uma nova qualidade a esta mídia enquanto "literatura mundial".

O conceito de "literatura mundial" é difundido por J. W. Goethe no diálogo com seu amigo Eckermann, diálogo amplamente citado neste contexto. Apesar de o conceito já surgir antes em diferentes locais<sup>1</sup>, será apenas com Goethe que ele vai conhecer uma difusão mais generalizada. Literatura mundial para ele não é uma literatura que é escrita em todos os lugares do mundo segundo as mesmas regras e normas estéticas e poéticas, mas antes lhe é "atribuída uma função ético-social" (JURT, 2012, p. 38). O seu fundamento é "o reconhecimento de toda eterna humanidade como bem comum, enquanto laço entre os povos" (GOETHE *apud* JURT, 2012, p. 38).

Nas palavras de Goethe:

Veo cada vez más [...] que la poesía es un bien común de la humanidad, y que surge en todos los lugares y épocas, en cientos y miles de seres humanos. [...] Por eso me gusta hurgar en naciones ajenas y recomiendo

<sup>1</sup> Em Wieland e Friedrich Schlegel: *Vorlesungen über schöne Litteratur und Kunst*. [Preleções sobre bela literatura e arte].

a cualquiera hacer lo mismo. Literatura nacional ya no dice gran cosa, llegó la época de la literatura mundial, y ahora cada uno tiene que ayudar a acelerar esta época<sup>2</sup>.

Nessa potencialidade humanizadora da literatura também insiste Antonio Candido, em *O direito à literatura*:

Entendo aqui por *humanização* [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2004, p. 180).

Literatura mundial é, para Goethe, um projeto da modernidade, resultado da mobilidade que, em última instância, tornou possível a modernidade. Por conta disso, os seus critérios são fundamentalmente distintos dos do cânone literário universal que conforma a literatura ocidental desde os tempos modernos e por intermédio do qual são colocados modelos poéticos e estéticos. Baixo a certas circunstâncias, tais textos podem se tornar literatura mundial, quando nós os lemos a partir do interesse em uma outra cultura, em outras formas de pensamento e experiência, como Goethe o faz, no caso de seu *West-Östlicher Divan* [*Divã ocidental-oriental*], com os poemas de Hafiz, ou como ele então vai ler o romance chinês *Ju-Kiao-Li*. Já em 1812, ele escreve, em seu jornal *Kunst und Altertum* [*Arte e Antiguidade*], que não se trataria, de modo algum, de que “as nações devam pensar de forma igual, mas que elas apenas devam se descobrir mutuamente, se compreender [...], ao menos aprender a se tolerar mutuamente” (*apud* JURT, 2012, p. 38).

Em se tratando de “se descobrir” reciprocamente e de aprender a se “tolerar”, a mídia literatura arrecada para si um papel significativo.

<sup>2</sup> Tradução retirada de: <http://dictionaryworldliterature.org/index.php/Weltliteratur>. [Ver tb: [https://kupdf.net/download/conversaciones-con-goethe-johann-peter-eckermann-pdf\\_5907c516dc0d60fb15959eeb\\_pdf.1827.p.409-453](https://kupdf.net/download/conversaciones-con-goethe-johann-peter-eckermann-pdf_5907c516dc0d60fb15959eeb_pdf.1827.p.409-453)].

Esse novo “processo literatura mundial” ocorre em um ambiente que não é criado preponderantemente por movimentos literários. Estes, via de regra, são antes mais secundários. Eventos e atividades que interconectam regiões distintas do mundo existem desde sempre: relações comerciais, viagens, migrações, fugas, guerras. O que se modifica a partir do séc. XIX, é que essas relações de fato se tornam efetivas permanente e mundialmente; que elas não só influenciam a realidade das nações singulares, mas também que elas as criam de forma determinante.

Marx descreveu esse processo de maneira elucidativa no *Manifesto comunista*:

A burguesia, pela sua exploração do mercado mundial, configurou de um modo cosmopolita a produção e o consumo de todos os países. Para grande pesar dos reaccionários, tirou à indústria o solo nacional onde firmava os pés. As antiquíssimas indústrias nacionais foram aniquiladas, e são ainda diariamente aniquiladas. São desalojadas por novas indústrias cuja introdução se torna uma questão vital para todas as nações civilizadas, por indústrias que já não laboram matérias-primas nativas, mas matérias-primas oriundas das zonas mais afastadas, e cujos fabricos são consumidos não só no próprio país como simultaneamente em todas as partes do mundo. Para o lugar das velhas necessidades, satisfeitas por artigos do país, entram [necessidades] novas que exigem para a sua satisfação os produtos dos países e dos climas mais longínquos. Para o lugar da velha auto-suficiência e do velho isolamento locais e nacionais, entram um intercâmbio omnilateral, uma dependência das nações umas das outras. E tal como na produção material, assim também na produção espiritual. Os artigos espirituais das nações singulares tornam-se bem comum. A unilateralidade e estreiteza nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis, e das muitas literaturas nacionais e locais forma-se uma literatura mundial.

Por um lado, a literatura é afetada bem diretamente por essas novas condições de produção: “Os artigos espirituais das nações singulares tornam-se bem comum”; por outro, contudo, a ela sobrevém a incumbência de refletir esse processo, trazê-lo à representação, também trazê-lo criticamente à representação e, com isso, assumir a tarefa da “literatura mundial”.

Pois esse processo descrito por Marx de maneira muito enfática significa, ao mesmo tempo, uma ameaça àquilo que é local, às formas de vida concretas e o perigo de que os sujeitos culturais concretos sejam subjugados por um “sujeito universal” abstrato da modernidade, pelo capital e pelas condições de exploração internacionais. “Literatura mundial” não pode, portanto, ser uma literatura que se entrega de bom grado a esse processo de internacionalização, mas, sim, ser uma literatura em cujo bojo também sejam representadas justamente as consequências desse processo para as condições de vida concretas de cada um.

Isso vale mais ainda para a próxima fase qualitativa da modernidade, a qual é definida por novas tecnologias de transporte e de informação, pela simultaneidade universal em realidade, uma simultaneidade compulsória daquilo que não é simultâneo. “Globalização” é o nome desse último desenvolvimento, podendo tanto surgir como uma totalização forçada de cada particular, quanto também, no outro extremo, se apresentar como uma onipresença (ao menos potencial) desse particular como “glocalização” (“*music of the world*”, comida iraniana em Nova Iorque ou em Berlim). Globalização é a forma mais intensificada, mais radicalizada da internacionalização e, com isso, também uma forma radicalizada do cosmopolitismo. Se a internacionalização ainda parte dos distintos centros de poder que, nesse processo, muitas vezes também estão em concorrência entre si, então agora capital e informação estão disponíveis em sua forma global e os distintos centros de poder tentam garantir a sua parcela de participação. Se os centros de poder econômicos e políticos ainda eram, em certa medida, sujeitos da internacionalização, agora eles apenas são sujeitos econômicos e políticos enquanto independentes, na medida em que procuram regular em proveito próprio as forças globais que livremente circulam. A globalização parece uma “segunda natureza” semelhante ao clima que também possui um caráter global: apenas podemos influenciá-lo marginalmente, mas podemos tentar nos ajustar a ele e estar preparados para eventuais catástrofes.

Globalização causa mudanças. Mudanças enquanto transformações, enquanto desenvolvimentos, enquanto avanços, enquanto revoluções,

mas também enquanto novos antagonismos e contradições. Todos nós estamos envolvidos, de diferentes maneiras, nessas mudanças: ativos enquanto atores, passivos enquanto vítimas, ou, a partir de um distanciamento, enquanto observadores. Via de regra, essas três posições não podem ser claramente separadas. De maneira distinta, todos os sujeitos, tanto individuais quanto coletivos, estão entrelaçados nas três posições, em uma mais, em outra menos. No séc. XXI, o grande desafio dos novos atores no palco da globalização será o de regular essa globalização para as suas realidades culturais, sociais e históricas concretas. Um desafio que apenas pode ocorrer simultaneamente na negociação, na concordância e no acordo com os outros grandes atores, isso vale para política climática, para a regulamentação da migração, para a introdução regulamentada de novas tecnologias (p. ex., da genética), para a circulação global de (des)informação.

O conhecimento das outras culturas é incontornável nessas negociações, caso não se deseje que elas reiteradamente levem a interpretações errôneas e a mal-entendidos. Só no conhecimento dos interesses, das necessidades e dos espaços de negociação do outro é possível um negociar bem sucedido e real. Literatura é uma mídia privilegiada para esse conhecimento, justamente pelo fato de que ela também é mais dependente da língua do que as outras mídias, como iremos argumentar; e que as distintas línguas, por sua vez, tanto representam as especificidades de suas culturas, quanto ainda são a mídia mais complexa da comunicação.

“Literatura mundial” – para simplificar, me refiro basicamente a romances – está sempre circunscrita a palcos e eventos locais concretos. *O vermelho e o negro*, de Stendhal, começa em uma pequena cidade bem descrita na região do Jura francês e Mme. Renal, a mãe dos alunos de Julien, que ele torna em sua amante, como ele mesmo, pertencem a uma sociedade bem definida social e historicamente. O mesmo vale para a paixão de Madame Bovary enquanto reação às circunstâncias bem especificadas da província francesa do séc.

XIX. Isso não impede que leitoras e leitores do mundo todos se identifiquem com estas personagens. Também os romances de um Machado

de Assis ou os de Guimarães Rosa e Clarice Lispector estão em relação direta com cenas, personagens e eventos históricos de sua pátria. Não obstante, são romances da literatura mundial, que são lidos por leitoras e leitores dos mais distintos lugares, com as mais distintas disposições culturais, e que se identificam com os sentimentos e as emoções das personagens desses romances. Essa qualidade eles obtêm, porque o material concreto de sua narrativa e a poética dessa narração também provoca representações, sensações e afetos em leitores que vivem em condições completamente diferentes.

Certamente, essa necessária “ancoragem” em um ambiente concreto e em um percurso narrativo bem especificado também pode ser uma ancoragem em um local em movimento: o navio baleeiro, a bordo do qual Ismael, sob o comando do capitão Ahab, veleja em torno de meio mundo; ou, no caso mais radical, o mundo interno do protagonista, suas esperanças, seu saber, suas habilidades, com as quais ele se move pelo mundo, à semelhança do Phileas Fogg, de Júlio Verne, personagem que ainda por cima só viaja em volta do mundo, para ao cabo de novo chegar em casa.

Contribuição desses romances para uma literatura mundial é a disponibilização de um realismo, que traz à representação as condições de vida concretas de uma sociedade e sua cultura. Trata-se de um realismo que, como demonstra a diversidade dos autores citados, pôde se tornar um modelo mundial que, em suas distintas realizações, é então transformado, modificado, adaptado de diferentes maneiras. “Literatura mundial” possibilita ao leitor colocar o seu mundo em relação com um outro mundo completamente diferente e, com isso, descobrir coisas semelhantes, como também coisas diferentes: o mesmo na diferença, sendo que é decidido pelo autor – mas também pelo contexto ideológico, político e cultural em que ele escreve –, se em primeiro plano está a ênfase do mesmo na diferença ou a diversidade – que, em última instância, só pode ser determinada a partir do plano de fundo de um semelhante passível de ser comparado. No primeiro caso, seriam motivos e temas míticos, experiências básicas do ser humano, tais como, amor, ódio, traição, lealdade, que são entrelaçados em um mundo bem concreto; no segundo, a confrontação das personagens com outros mundos desconhecidos, em viagens,



aventuras, migrações e fuga. Representar ao leitor o mesmo na diferença ou o diferente no mesmo, essa é a potencialidade literária da literatura mundial. Mas ela também exige um leitor que esteja disposto a deixar esta literatura se transformar em literatura mundial: descobrir o seu mundo no mundo do outro, com todas as diferenças. Estar ligado ao seu próprio mundo e ter curiosidade por outros mundos, isso é pressuposto, para que um leitor possa se tornar em um leitor da literatura mundial – em outros termos, que ele também possa ler a sua própria literatura assim como a literatura do outro como “literatura mundial”. Esse é o pressuposto para poder vivenciar emoções e sentimentos, e poder identificar-se com emoções e sentimentos dos outros, também com o tipo de personagens e formas de outros tempos e de outras culturas. Literatura mundial faz com que seja possível: que nos identifiquemos com sentimentos e experiências dos outros e que percebamos os sentimentos e as experiências dos outros como sendo “fundamentalmente” comuns a todos nós.

É dessa maneira que a literatura nos permite participar do mundo dos outros. E isso de uma maneira duplamente contraditória: na medida em que nós sempre reiteradamente reconhecemos, o quanto nos surge assustadoramente conhecido o outro mundo; e na medida em que ela simultaneamente nos demonstra, o quanto este outro mundo nos é estranho e desconhecido. No já referido diálogo de Goethe com Eckermann, encontramos também uma observação elucidativa acerca de sua leitura de um romance chinês<sup>3</sup>. Eckermann relata:

“Nestes dias desde que não o vejo,” disse ele, “tenho lido muitas e variadas coisas, em especial também um romance chinês, que ainda me ocupa e me surge como bastante singular.” – “Romance chinês?” disse eu. “Deve mesmo ser bem estranho.” – “Nem tanto, quanto se poderia crer”, disse Goethe. “As pessoas pensam, agem e sentem quase da mesma maneira que nós e a gente se sente quase que igual a eles, – apenas que entre eles tudo se passa de um modo mais claro, mais puro e mais ético. Entre eles tudo é mais compreensível, mais cidadão, sem grande paixão e ímpeto poético. (???)”

<sup>3</sup> Trata-se do romance *Ju-Kiao-Li, oder die beyden Basen (Ju-Kiao-Li, ou os dois primos)*, de um autor desconhecido, romance que havia sido traduzido por M. Abel-Remusat para o francês e, a partir daí, para o inglês e o alemão, passando a ser um sucesso internacional na segunda metade do séc. XIX.

Essa observação vale não apenas para este romance do séc. XVIII, mas igualmente para os contos de Lu Xun dos anos vinte do século passado: os desejos, as expectativas e também os medos de seus personagens nos surgem como bem conhecidos. Até mesmo as circunstâncias, em que eles vivem: eles dormem em camas, bebem de manhã e de noite o seu chá, vão trabalhar durante o dia.

Parece que esse é o lado problemático da literatura mundial clássica: ela nos permite a ilusão de que possamos a tudo e a todos compreender: *Madame Bovary*, *Bartelby*, *Raskolnikoff*, *K* em seu processo. Ela aparentemente nos transforma em cosmopolitas. Ou, formulando-o de modo menos crítico: ela torna possível – exatamente ali onde ela descreve o mundo dos sentimentos, das esperanças e ameaças, das alegrias e dos medos – que nos identifiquemos com esses personagens. Talvez até mesmo seja isso que nos fascina: a possibilidade de ler, de como circunstâncias de vida totalmente diferentes e a nós desconhecidas, permitem aflorar em nós sentimentos e afetos ainda assim aparentemente bem familiares. O fato de que seja sobretudo a dimensão dos sentimentos e afetos que possibilita que literatura se torne literatura mundial, ou que essa dimensão ao menos estimule isso decisivamente (o que com certeza vale mais ainda para o cinema) – isso pode ser evidenciado em muitos casos. Como, por exemplo, também no romance *Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães (1825-1884), e na sua recepção pelo público chinês. Pois, conforme nos informa o jornal *O Estado de São Paulo*, em 21 de janeiro de 2012, o romance, “impulsionado pelo sucesso da telenovela, alcançou esse impressionante número de leitores”: 500 mil exemplares vendidos na China (GONÇALVES FILHO, 2012 [online]).

Caso os sentimentos e os afetos estimulem a aproximação dos leitores a outras culturas, então será a dimensão realista dos romances que vai nos confrontar com a estranheza de outros mundos. Insistir na estranheza e singularidade desses outros mundos e, ao mesmo tempo, por intermédio da habilidade literária dos seus romances, representar para o leitor uma ligação com os sentimentos e afetos dos protagonistas, nisso certamente consiste a arte de uma literatura que tenha o potencial de uma “literatura mundial”. Em

dois autores brasileiros tão distintos quanto Clarice Lispector e Guimarães Rosa isso pode ser ilustrado de maneira impressionante: o mundo arcaico do sertão, de um lado, e as cenas de experiências urbanas, de outro, podem bem ser lidas por um conjunto de leitores internacional enquanto dois mundos de sensações extremas: um mundo de uma masculinidade extrema, de um lado, e um mundo de uma feminilidade profundamente sentida, de outro.

A tensão entre um mundo concreto estranho e desconhecido por um leitor hodierno (também para o leitor chinês de hoje) e as emoções mais distintas, mas ainda assim acessíveis ao leitor, emoções essas que foram vivenciadas por suas personagens, também caracteriza os *Quatro grandes romances clássicos da literatura chinesa* (eles foram escritos entre os séculos XIV e XVIII). Mesmo quando essa China, em que se passam essas ações, nos seja histórica, sociológica e culturalmente desconhecida. Aqui também se repete a contradição já descrita, a armadilha na qual facilmente cai o leitor da literatura mundial, mas que igualmente pode ser uma oportunidade. De igual modo que os leitores chineses que viram ou leram *Escrava Isaura* entendem das contradições e dos conflitos concretos da sociedade brasileira do sec. XIX, assim tampouco nós, enquanto leitores de um dos quatro grandes romances clássicos, entendemos da realidade chinesa das distintas dinastias em que os romances se desenrolam. Mesmo assim, em nossa leitura, nós deixamos aflorar como familiares as emoções e os sentimentos de seus personagens, esperança e raiva, medo e alegria. É essa humanidade comum que Shakespeare faz irromper do judeu Shylock em sua acusação:

Os judeus não têm olhos? Os judeus não têm mãos, órgãos, dimensões, sentidos, inclinações, paixões? Não ingerem os mesmos alimentos, não se ferem com as armas, não estão sujeitos às mesmas doenças, não se curam com os mesmos remédios, não se aquecem e refrescam com o mesmo verão e o mesmo inverno que aquecem e refrescam os cristãos? Se nos espetardes, não sangramos? Se nos fizerdes cócegas, não rimos? Se nos derdes veneno, não morremos? E se nos ofenderdes, não devemos vingar-nos? Se em tudo o mais somos iguais a vós, teremos de ser iguais também a esse respeito.



Caso sejamos leitores atentos da literatura mundial – e nessa dimensão a literatura mundial se distingue decisivamente da literatura trivial, que toca no teclado de sentimentos de fácil identificação –, então essa literatura nos permite compreender por meio da riqueza de sua concretude, de sua ligação com o real, quais são as causas e os ensejos para essas emoções e esses sentimentos, ou seja, em última instância, ela desmistifica os sentimentos enquanto afetos. Afetos no sentido de que não são sentimentos que aparentemente irrompem de dentro de uma naturalidade geral interna do ser humano, mas são resultados de uma afetação, de uma reação a circunstâncias e forças que atuam a partir de fora.

O filósofo Leibniz – tão desqualificado por Voltaire, em seu *Candido* – bem foi o primeiro que teve uma noção do enriquecimento que poderia significar, para o mundo ocidental, um conhecimento concreto do mundo chinês, ou seja, de uma cultura de um tipo inteiramente diferente que detinha suas próprias realizações técnicas e culturais. Suas fontes foram as correspondências de missionários jesuítas. Depois do relato de Marco Polo sobre sua estadia nessa terra distante, as correspondências foram as novas fontes de informação, nas quais as culturas do ocidente foram lembradas, acerca de qual riqueza material e cultural estava escondida no leste distante.

China, há que se lembrar, estava na área de influência portuguesa desde o célebre Tratado de Tordesilhas. Os missionários jesuítas, que, desde o final do séc. XVI, necessitavam ter um visto da coroa portuguesa para se dirigirem para lá, saíam de Lisboa em navios portugueses rumo a esta terra distante, sendo que primeiramente faziam parada na colônia portuguesa de Goa, na Índia, para então, através da colônia portuguesa na China, Macau, eles mesmos entrarem na China. Esse monopólio português apenas foi quebrado na segunda metade do séc. XVII, principalmente pela França que, por seu turno, procurava, por meio de seus missionários jesuítas, acesso direto ao conhecimento e à cultura desse país altamente desenvolvido aos olhos dos europeus<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Cf.: WIDMAIER, Rita. (Ed.). Gottfried Wilhelm Leibniz. Der Briefwechsel mit den Jesuiten in China (1689-1714). Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2006.

Embora também existisse para a coroa espanhola, já desde o séc. XVI, a possibilidade de um acesso à China, ele, contudo, se daria (do ponto de vista europeu) a partir do oeste: a oeste do Vice-Reino de Nova Espanha, do outro lado do Pacífico, localizava-se a China. Com isso, o continente americano angaria pela primeira vez um importante papel intermediário entre China e Europa. Juan González de Mendoza (ca. 1540-1617), que passou a maior parte de sua vida no México, publicou em 1585 a sua *Historia de las cosas más notables, ritos y costumbres del gran reyno de la China*. Em *El Imperio Chino*, Herbert Franke e Rolf Trauzettel descrevem este livro como um “*bestseller europeu*”. Da mesma forma que Juan González de Mendoza, assim como Athanasius Kircher, considerado o grande sábio da cultura universal do séc. XVII por conta de seu *China illustrada* (Amsterdã, 1667), também Leibniz obtém, ao final do século, as suas informações sobre a China preponderantemente a partir das correspondências dos missionários jesuítas.

Em seu relato *Novissima Sinica, historiam nostri temporis illustratura: in quibus de Christianismo publica nunc primum autoritate propagato missa in Europam relatio exhibetur, deque favore scientiarum Europaeorum ac moribus gentis & ipsius praesertim monarchae, tum & de bello Sinensium cum Moscicis ac pace constituta, multa hactenus ignota explicantur*, editado por G. G. L. ([Leipzig?], 1697)<sup>5</sup>, ele chega à seguinte conclusão: “[...] antes a Europa corrompida devesse ser escolada por teólogos chineses, do que o inverso<sup>6</sup>” (*apud* REPUBLIK China, 2017 [online]).

Leibniz já dava grande valor ao fato de que, ao lado das trocas comerciais, também houvessem intercâmbios culturais. Por conta disso, em uma carta ao prior jesuíta Pejus, ele escreve da seguinte forma:

---

<sup>5</sup> “Las más recientes novedades sobre la China, cuyo propósito es ilustrar la historia de nuestro tiempo. En ellas, en primer lugar, se da cuenta de la relación que la autoridad pública ha enviado a Europa <en la que se trata> de la propagación del cristianismo y de la popularidad de las ciencias europeas, así como de las costumbres del pueblo y principalmente de las de su monarca. Posteriormente, se explican muchas cosas desconocidas hasta la fecha acerca de la guerra de los chinos contra los moscovitas y de la paz que posteriormente se acordó entre ellos” (Título traduzido ao espanhol por Boris Eremiev Toro).

<sup>6</sup> „[...] eher müßte das verderbte Europa von chinesischen Theologen unterrichtet werden als umgekehrt“.

[...] conforme o meu entendimento, essa missão é a tarefa mais importante de nosso tempo, tanto para a glória de Deus e para a proclamação do cristianismo, quanto também para o bem geral da humanidade e para o incremento das ciências e das artes, entre nós como também entre os chineses, pois, por intermédio do intercâmbio (comércio) dos conhecimentos (lumières), nós obteremos, de uma só vez, as realizações (travaux) milenares dos chineses e ele lhes levará simultaneamente as nossas; e, dessa maneira, cada um de nós vai duplicar suas riquezas verdadeiras. Isso é algo maior do que se possa imaginar<sup>7</sup>.

Leibniz estava convencido – e os missionários jesuítas também – de que a matemática e a filosofia, que coincidia com aquela, correspondiam, em última instância, à religião cristã. E isso na medida em que a China se abria para as ciências ocidentais (sobretudo na astronomia e na introdução do calendário, que repousa na astronomia; calendário que ao mesmo tempo é cristão) e, com isso, necessariamente também teria que se dispor à assumir a religião cristã. Esse conhecimento universal também não depende de uma língua natural, mas possui – assim como a matemática e a técnica – a sua própria língua universal. Este seria, portanto, o pressuposto para “levar, mesmo para os povos mais distantes, cujas línguas são tão distintas das nossas, como é o caso dos chineses e de seus semelhantes, as verdades abstratas e mais importantes da religião natural (religion naturelle), nas quais se funda a revelação (Religion)” (LEIBNIZ, [1697-1705]. [online])<sup>8</sup>. Esse apreço pela China se interrompe no séc. XVIII. Franke e Trauzettel (1973, p. 288) resumem-no da seguinte forma: “*Sintetizando, puede decirse que China tuvo una acción progresista sobre la historia intelectual europea del siglo XVIII, lo cual, como sabemos hoy, estaba en contradicción con la realidad china de aquellos tiempos*”. Pois o

<sup>7</sup> „[...] nach meinem Urteil ist diese Mission die wichtigste Aufgabe unserer Zeit, sowohl zum Ruhm Gottes und der Verkündigung der christlichen Religion, wie auch für das menschliche Allgemeinwohl und das Anwachsen der Wissenschaften und der Künste, bei uns wie auch bei den Chinesen, denn durch den Austausch (Handel) der Erkenntnisse (lumières) erhalten wir auf ein Mal ihre Errungenschaften (travaux) aus einigen Jahrtausenden und er bringt ihnen gleichzeitig die unseren; und auf diese Weise verdoppeln wir jeder unsere wahren Reichtümer. Das ist etwas Größeres als man sich vorstellen kann”.

<sup>8</sup> „[...] selbst den entferntesten Völkern, deren Sprachen von der unseren so verschieden sind, wie es bei den Chinesen und ihresgleichen der Fall ist, die wichtigsten und abstrakten Wahrheiten der Naturreligion (religionnaturelle) nahezubringen, auf denen sich die offenbarte (Religion) gründet ?

império chinês já se encontrava em um declínio, que o levaria à dependência neo-colonial, primeiramente no séc. XIX, da Inglaterra (em ambas as Guerras do Ópio) e, depois no séc. XX, do Japão, um processo em cujo contexto só se chega a uma virada decisiva na segunda metade do séc. XX.

Aquela convicção de Leibniz não está muito distante daquilo que ocorreu nas últimas décadas no âmbito da globalização. Podemos assim constatar que em todos os lugares onde nos últimos anos a técnica do ocidente prevaleceu e se tornou fundamento para uma sociedade industrializada, ali também diminuíram as resistências ideológicas à comunicação com essas sociedades industrializadas, seja lá o quão distinto tenha sido o passado cultural e ideológico/religioso: ao menos isso vale para a ex-União Soviética, para a Índia, que se abriu à modernização técnica desde os anos noventa do século passado, e para a China. As únicas exceções, até o momento, seriam a Coreia do Norte e o Irã, que desenvolvem tecnologias bélicas das mais avançadas (não apenas as importando, como boa parte dos países produtores de petróleo) e, ainda assim, não participam ou permanecem excluídos da globalização por motivos político-ideológicos. Assumir a compreensão de mundo técnico-racional da ciência, assim como a lógica do mercado de bens e finanças possibilita uma globalização nestas áreas; embora essa "globalização de fins" esconda o fato de que ainda não tenha ocorrido uma globalização das singularidades culturais criadas ao longo da "história de longa duração" (F. Braudel: "*longue durée*") dos distintos atores da globalização, singularidades culturais essas que sempre poderão se contrapor ou fugir de uma globalização. Impossível é uma globalização dos mundos regionais e locais concretos, apenas podem ser globalizados concretamente os mundos de toda forma iguais da técnica, das finanças, do mercado e daqueles que são dependentes deles, tais como, a moda, o estilo de bens de consumo tecnológicos (TV, telefone móvel, carro) e alimentos e bebidas produzidos segundo receitas internacionalmente disseminadas (pão francês, pizza, coca-cola, cerveja). Contudo, isso não exclui que vestimentas locais, hábitos alimentares locais ou produtos artesanais sejam oferecidos em um mercado global (glocalização).



Voltando, depois dessas digressões, ao nosso objeto propriamente dito, à literatura e, no nosso caso específico, ao romance, veremos que a literatura mundial unifica ambos os extremos: enquanto mídia – o romance – e enquanto representação realista, ela é global; em sua realização concreta, contudo, sempre será local. Literatura mundial é uma literatura de mundos “concretos”, uma literatura em que o leitor é confrontado com outros mundos concretos, os quais natural e geralmente podem ser ficcionais e na maioria das vezes o são mesmo. Esses mundos concretos, contudo, pertencem a “um” mundo, eles pertencem “ao” mundo. Eles encontram a sua completa expressão na língua, na língua que concretamente só existe enquanto pluralidade de línguas. De acordo com isso, é sobretudo tarefa da literatura – e em sua qualidade de “literatura mundial” ela parece estar predestinada a tal tarefa – de traduzir processos gerais para situações concretas. A aparente limitação da literatura, limitação que reside na sua dependência de uma língua determinada, concede-lhe a possibilidade e justamente lhe exige que expresse o mundo abstrato geral em um mundo concreto.

Língua, certamente o meio de comunicação mais complexo da humanidade, exige de nós, caso queiramos extrapolar nosso próprio espaço linguístico delimitado, o esforço da tradução – um esforço que o mundo da imagem aparentemente nos poupa –, sendo que ela facilmente nos engana, na medida em que ela nos teatraliza a possibilidade de uma compreensão que em realidade não existe, ou que apenas existe no nível do pictórico imediato e espontâneo. A língua do falante de uma outra língua só nos é compreensível, caso tenhamos nos submetido ao longo processo de sua aprendizagem, ou caso tenhamos a ajuda de um tradutor. A compreensão de uma outra língua exige de nós um conhecimento acerca de formas de pensamento, sobre visão de mundo, acerca da maneira de se relacionar com a realidade, sobre hábitos de comunicação da outra cultura linguística, os quais não surgem como necessários para a compreensão das mídias imagéticas. Também no nível visual, caso queiramos ficar sabendo de muita coisa sobre uma cultura que nos é desconhecida, então essa percepção sempre será determinada em grande medida pela nossa interpretação, por associações e por experiências com imagens provindas de nosso



próprio ambiente cultural. Representações e manifestações linguísticas estão profundamente enraizadas em sua cultura e requerem, por conta disso, um saber abrangente para sua compreensão. Por isso a globalização ocorre primeiramente nos níveis abstratos das competências técnicas, do mundo financeiro, inclusive do mundo imagético das mídias (apesar de que no último caso já se possa chegar a tensões e conflitos – p. ex., a aceitação de caricaturas, de realismos radicais, de representações do corpo humano), mas o inglês como “língua franca” é de fato apenas uma ajuda instrumental, em cujo contexto se abre mão da função complexa de uma língua, passando ela a ser utilizada em uma função preponderantemente instrumental. Uma “língua mundial” ainda não aparece no horizonte, a não ser que compartilhemos da convicção de Leibniz, de que a matemática e a física, em sua aplicação enquanto técnica, já seriam uma tal língua. Aquilo que essa língua abstrata da técnica evita ou suprime – os contextos concretos, a subjetividade individual ou coletiva –, isso tudo encontra o seu lugar e a legitimidade de sua existência na literatura, em uma “literatura mundial”. Nela uma pluralidade de línguas está entrelaçada, voltando-se para o outro e tentando incluir o outro em seu mundo linguístico. Nesse sentido, línguas sempre tiveram uma disposição de se abrir para outras línguas: o empréstimo de termos e designações de outras línguas, quando de misturas e contatos intensivos (recentemente o portunhol ou o *spanGLISH*). A língua, em comparação com a técnica globalizante do mundo das finanças e das mercadorias, causa uma “desaceleração” curativa no processo da globalização; ela nos solicita – e isso vale igualmente para a literatura – competências na outra cultura, as quais vão para muito além da compreensão das imagens, para além de uma sincronia no âmbito das habilidades técnicas ou para além dos negócios financeiros globais. Literatura mundial, a partir desse ponto de vista, é indispensável para uma globalização consumada não só técnica e financeiramente ou via acordos políticos que apenas sejam “compreendidos” por uma minoria.

Voltemos de novo ao nosso tema inicial: globalização, o mundo globalizado, nós nesse mundo globalizado, enquanto atores, enquanto vítimas, enquanto observadores. O desafio diante do qual os novos atores se encontram nesse processo de transformação. Eles estão diante da tarefa – assim ao menos

é a nossa expectativa – de dar uma nova forma à globalização e realizá-la com novos conceitos. Estes novos atores, isto é obvio, se nutrem de concepções de mundo, de mentalidades e tradições culturais muito diversificadas. Cada um deles está inscrito em uma história de longa duração, a qual é o resultado de convicções religiosas e éticas, saberes, práticas e experiências coletivas bem distintas. Contudo, eles vão receber uma herança problemática: uma globalização que, em sua versão neoliberal orientada nos interesses do capital, apesar de ter incrementado sensivelmente, nas últimas décadas, a riqueza, o volume de comércio e as capacidades de produção, e apesar de ter incitado decisivamente a modernização, ao mesmo tempo ela tem impedido o acesso a este bem-estar material e cultural de uma parcela cada vez maior da população, tanto nos países industrializados quanto naqueles não industrializados. O resultado são desigualdades, movimentos migratórios, violência, assistência deficitária à saúde, epidemias. Caso os BRICS não desejem dar continuidade ou até mesmo intensificar as deficiências da “velha” globalização, então se lhes exige um novo conceito de globalização. Enquanto docente, intelectual, enquanto cidadão, cosmopolita, nós aqui temos que assumir uma responsabilidade. A arte, sobretudo a literatura, é uma mídia privilegiada para tanto. É também nesse sentido que ela tem que se transformar em uma nova “literatura mundial”; em uma mídia com um órgão sensível para as transformações que nos esperam; em uma mídia que tenha um sentido para um mundo que valha a pena ser vivido; uma mídia, em cujo bojo sejam representadas as diferenças de todos aqueles que estão envolvidos nesse processo, as diferentes etnias e nações, classes sociais, manifestações culturais, de forma que se lhes seja possível de se conhecer e entrar em diálogo uns com os outros.

Fazendo referência ao que Euclides da Cunha disse em relação à civilização, globalização é nosso “destino”. Não podemos fugir dela, mas talvez possamos – em uma medida modesta – contribuir para lhe dar um rumo, acrescentar conteúdos e valores cuja globalização – ou “mundialização”, como alguns teóricos a definem em diferenciação à globalização meramente econômica e política – nos surja como relevante, ajudando-nos a nos percebermos como cidadãos de um só mundo.

Um dos desafios centrais de uma globalização em que as nações BRICS sejam atores será esse de não só regulamentar um intercâmbio financeiro, econômico e técnico segundo seus próprios interesses e possibilidades, mas também deixar surgir um diálogo cultural que não seja mais dominado pelos “soberanos culturais” do passado, Europa e EUA. China representa aqui em muitos sentidos um desafio, já que a sua cultura e naturalmente também a sua literatura são pouco conhecidas, nesse caso comparável com a Índia, sendo que o acesso à Índia é mais fácil do que à China, por conta de sua história colonial inglesa e do inglês como língua administrativa, mas também como língua de comunicação geral dentro do subcontinente multilinguístico, muito embora a China, de modo algum, seja tão homogênea, quanto nos querem fazer crer as novas tecnologias “*made in China*” e a massa de mercadorias que de lá nos alcançam.

Do mesmo modo como seria falso perceber o Brasil apenas como o “maior país católico do planeta”, com seus centros São Paulo e Rio de Janeiro, não podemos identificar a China com o partido comunista e com as megalópoles Pequim e Xangai.

Se compararmos essas duas nações a partir da perspectiva que aqui escolhemos, a partir da literatura mundial, então a diferença entre eles – formulando-o de uma forma um tanto provocativa – reside no seguinte:

No caso da China, trata-se de descobrir uma literatura mundial; no caso do Brasil, deixar surgir uma literatura mundial. Ambos estão pouco presentes no palco da “literatura mundial” enquanto atores, mas por motivos bem distintos. Apesar de que a China, à semelhança da Índia, disponha de uma das literaturas mais antigas do mundo, o ocidente apenas começa a descobrir essa literatura no séc. XIX. Isso vale de maneira bem semelhante para a muito mais jovem literatura brasileira, pela qual eruditos europeus começam a se interessar depois da independência (Ferdinand Denis, Ferdinand Wolf). Apesar disso, a cultura e a literatura brasileiras vão permanecer relativamente desconhecidas no âmbito internacional até a segunda metade do séc. XX.

En un breve artículo fechado en marzo de 1939, Mario de Andrade lamentaba el escaso reconocimiento del Brasil en el concierto de la cultura y la literatura mundial. ¿Cómo explicar la relativa oscuridad en que permanecían Machado de Assis, Heitor Villa-Lobos o el Aleijadinho, figuras prominentes y que por derecho propio podían reclamar su lugar entre las preocupaciones estéticas pasadas, presentes y futuras del mundo? Se trataba “tal vez de un problema mucho más social que estético”: tal vez la cultura brasileña sería más reconocida “si su moneda fuese fuerte y su ejército decisivo en la guerra por venir” (VERGARA, 2018, p. 30).

Esta última afirmação de Mário de Andrade soa cínica, mas, apesar disso, ela é verdadeira. As culturas veneradas e mais influentes são até hoje aquelas das moedas fortes, i. e., das nações ricas, que necessariamente também possuem os exércitos fortes – mesmo quando elas se destroem mutuamente e não apenas saqueiam suas colônias.

No caso da China, nomes como Laotse e Confúcio só começam a ser conhecidos no ocidente na segunda metade do séc. XIX. O mesmo vale para os grandes poetas da dinastia Tang (618-907), Li Bai, Du Fu e Bai Juyi; e para *Os quatro grandes romances clássicos* ou *As quatro maiores novelas clássicas*: *Margem da água*, (século XIV), *Romance dos três reinos* (século XIV), *Jornada ao oeste*, (século XVI) e *O sonho da câmara vermelha* (século XVIII), sendo os três primeiros da dinastia Ming e o último da dinastia Qing. *Hua Mulan*, um poema popular sobre a menina Mulan, que vai para a guerra vestida de homem no lugar de seu pai, torna-se conhecida ao final do séc. XX por conta do filme de animação *Mulan* (1998), dos estúdios Disney. Com o escritor Gao Xingjian, que ademais possui a nacionalidade francesa, um autor natural da China recebe pela primeira vez o prêmio Nobel de literatura. Doze anos depois, em 2012, Mo Yan é o primeiro autor de nacionalidade chinesa que recebe este prêmio. Desde inícios do séc. XXI, é possível de se adquirir no mercado editorial brasileiro importantes romances chineses contemporâneos, como, p. ex., *Irmãos*, de Yu Hua (São Paulo: Cia. das Letras, 2010), que narra a história da veemente modernização do país nas últimas décadas. Alcir Pécora, na Folha de São Paulo (em 8 jan. 2011), encerra sua recensão muito positiva do romance com a observação: “Por fim, apenas se

lamentar que a tradução do romance tenha sido feita a partir do inglês e não diretamente do mandarim. Triste homologia: até quando, no Brasil, será preciso recorrer a esse expediente subdesenvolvido?"

Este será o grande desafio deste século: criar uma globalização (cultural), uma literatura mundial, que não necessite do inglês como instância intermediária, na qual ao menos as grandes línguas do mundo se comuniquem diretamente umas com as outras.

Nas últimas décadas, a China (novamente) encontrou o seu lugar ao lado das nações dirigentes, um lugar que, em uma comparação objetiva, lhe coube por quase mais de dois mil anos – ao menos até o séc. XVIII, até o fim da dinastia Ming –, mas que não foi compreendido, não pôde ser compreendido pelas nações da cultura ocidental antes da fase da industrialização. Na Europa, poucos, como Leibniz, tinham uma ideia dessa importância da China ao final do séc. XVII.

Nesse sentido a história do Brasil não pode ser comparada com a da China. Aqui se encontram tradições orais das tribos indígenas autóctones, com as tradições dos colonizadores europeus, sobretudo portuguesas, e com as dos escravos africanos trazidos prá cá à força. Essas diferenças também terão que ser levadas em conta e irão desempenhar um importante papel, caso ambas as nações venham a se tornar de fato atores comuns no processo da globalização do futuro.

Em ambos os casos, a globalização também coloca os novos atores globais frente a problemas sérios: a necessidade de assumir posições de liderança global leva a um aumento da pressão modernizadora e de concorrência dentro do próprio país, com o risco da marginalização dos grupos da população que não estão preparados para tal (crescimento de marginalizações sociais e econômicas; crescente diferença entre regiões modernas e subdesenvolvidas dentro do próprio país), bem como ameaça à heterogeneidade cultural das nações. Desse modo, nosso olhar para uma China como potência global nos deixa escapar que, ao lado do mandarim, o cantonês é, para cerca de um bilhão de chineses, a língua materna (com cinco vezes mais falantes que o português no Brasil), além de uma grande quantidade da população

que fala dialetos do mandarim (SHIH, 2010, p. 30)<sup>9</sup>. Portanto, quando nós nos decidimos por aprender o chinês-mandarim, assim nós também contribuímos necessariamente com o centralismo cultural e com a marginalização de tradições culturais regionais. Jing Tsu, professora de Estudos chineses (“*China Studies*”) na Universidade de Yale, chama a atenção para esta problemática em sua introdução à obra *Global Chinese Literature*. No caso da China, a valorização da cultura chinesa e da língua chinesa (do mandarim) oficiais também significa o perigo de negligenciar as especificidades culturais das diásporas chinesas espalhadas pelo mundo: “[...] *to lose sight of the continual transformations of diaspora itself, now less a departure from an origin than simply different itinerant movements between places*” (TSU; WANG, 2010, p. 3).

Igualmente para um Brasil como uma das futuras nações líder da globalização ela possui problemas. Globalização e modernização são os dois lados da mesma moeda, que destrói a concretude do singular e do local por intermédio de seu caráter totalizante. Talvez os grupos de minorias étnicas no Brasil sejam menos numerosos do que na China, mas certamente se trata de um número populacional muito menor. Contudo, isso não quer dizer que uma modernização meramente orientada no sucesso global não represente uma grande ameaça para eles. Um conceito de literatura mundial, que não tenha a sua medida em números de venda nacionais e internacionais, que não torne seu valor literário dependente de prêmios e condecorações internacionais, mas no qual um “mundo” concreto represente o horizonte, diante do qual essa literatura deva ser lida, e que esteja presente de modo bem concreto nela, em suas localidades e narrativas, é um contra-programa contra uma globalidade determinada por técnicas avançadas, circulação de finanças e de mercadorias, e acumulação de informações. Essa seria então uma literatura mundial com estrutura rizomática, sem centros fixos, sem hierarquias, na qual recairia um papel decisivo sobre as “literaturas menores” (Deleuze e Guattari).

Aproximar-se do outro em sua concretude, em sua concretude histórica, social e cultural, requer que se tome conhecimento desse outro, de sua

---

<sup>9</sup> “there are altogether fifty-six official ethnicities in China and far more diverse languages and topolects spoken across the nation” (SHIH, 2010).

língua, de sua história, da multiplicidade de sua alteridade, da multiplicidade das contradições de sua cultura. É evidente que isso só pode ser um processo infundável, um constante ir e vir, um contínuo dar e levar. Para uma nova literatura mundial que tivesse o objetivo da intermediação de uma “competência de mundo”, essa seria uma tarefa que, de certo, vale a pena.

Traduzido do original em alemão por Roberto Henrique Seidel.

## Referências

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

CHOW, Rey. **Modern Chinese Literary and Cultural Studies in the Age of Theory: Reimagining a Field**. Contributor(s): Rey Chow, Charles A. Laughlin, David Der-wei Wang, Leung Ping-kwan, Sungsheng Yvonne Chang, Christopher Lupke, Chris Berry, Stanley K. Abe, Kwai-Cheung Lo, Dorothy Ko, Michelle Yeh, Ien Ang, Paul A. Bové. Durham: Duke University Press, 2001.

CHOW, Rey. Introduction. In: **CHOW, Rey**. *Modern Chinese Literary and Cultural Studies in the Age of Theory: Reimagining a Field*. Durham: Duke University Press, 2001.

EDITORIAL Board of **Chinese Literature and History**. (Compiladores). *Selected Essays on Chinese Classic Novels*. Translated by Dai Wenchao. China Intercontinental Press, Zhagohua Book Company, [s.l.], [s. d.].

FRANKE, Herbert; TRAUZETTEL, Rolf. **El Imperio Chino**. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 1973.

GOETHE, Johann Wolfgang. **Sämtliche Werke, Briefe und Gespräche**. Hrsg. von Friedmar Apel et alii. Frankfurt a. M.: Deutscher Klassiker Verlag, 1987-1999.

GONÇALVES FILHO, Antonio. **Editoras brasileiras investem cada vez mais na literatura chinesa**. O Estado de São Paulo, 21 de janeiro de 2012. [online]. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/editoras-brasileiras-investem-cada-vez-mais-na-literatura-chinesa>. Acesso em: 19 mar. 2018.

HERNÁNDEZ, Beatriz; GANITO, Tânia. **The Popular in China: Interview with Carlos Rojas**. Universidade Católica Portuguesa, Research Centre for Communication and Culture, 2015. Disponível em: [https://lisbonconsortium.files.wordpress.com/2012/12/beatriz-hernc3a1ndez-tc3a2nia-ganito\\_interview-with-carlos-rojas.pdf](https://lisbonconsortium.files.wordpress.com/2012/12/beatriz-hernc3a1ndez-tc3a2nia-ganito_interview-with-carlos-rojas.pdf).

LEBNIZ JURT, Joseph. Das Konzept der Weltliteratur – ein erster Entwurf eines internationalen literarischen Feldes? *In*: BACHLEITNER, Norbert. (Ed.), “**Die Bienen fremder Literaturen**”: der literarische Transfer zwischen Großbritannien, Frankreich und dem deutschsprachigen Raum im Zeitalter der Weltliteratur (1770-1850). Wiesbaden: Harrassowitz, 2012, S. [23]-44. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/260198672\\_Das\\_Konzept\\_der\\_Weltliteratur\\_-\\_ein\\_ers-ter\\_Entwurf\\_eines\\_internationalen\\_literarischen\\_Feldes](https://www.researchgate.net/publication/260198672_Das_Konzept_der_Weltliteratur_-_ein_ers-ter_Entwurf_eines_internationalen_literarischen_Feldes).

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Cinq Lettres au Père Verjus**. [1697-1705]. [online]. Disponível em: [https://fr.wikisource.org/wiki/Cinq\\_Lettres\\_au\\_P%C3%A8re\\_Verjus](https://fr.wikisource.org/wiki/Cinq_Lettres_au_P%C3%A8re_Verjus). Acesso em: 20 mar. 2018.

MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. Disponível em: [https://www.pcp.pt/sites/default/files/documentos/1997\\_manifesto\\_partido\\_comunista\\_editorial\\_avante.pdf](https://www.pcp.pt/sites/default/files/documentos/1997_manifesto_partido_comunista_editorial_avante.pdf).

PÉCORA, Alcir. Yu Hua comove com belo enredo picaresco. **Ilustrada**, Folha de São Paulo, 8 de janeiro de 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0801201123.htm>. Acesso: 20 mar. 2018.

REPUBLIK China (Taiwan). Ministry of Foreign Affairs. Die Entdeckung Chinas aus europäischer und chinesischer Sicht. **T@iwan heute**, 2017. [online]. Disponível em: <https://taiwanheute.tw/news.php?post=108230&unit=387>. Acesso em: 20 mar. 2018.

SHIH, Shu-mei. Against Diaspora: the Sinophone as Places of Cultural Production. *In*: TSU, Jing; WANG, David Der-wei. (Ed.). *Global Chinese Literature. Critical Essays*. Leiden y Bosten: Brill, 2010, p. xx-xx. Disponível em: [https://warwick.ac.uk/fac/arts/history/students/modules/hi173/classesandreading/china\\_imp\\_erial\\_visions/shu\\_mei\\_shih\\_against\\_diaspora\\_2010.pdf](https://warwick.ac.uk/fac/arts/history/students/modules/hi173/classesandreading/china_imp_erial_visions/shu_mei_shih_against_diaspora_2010.pdf).

TSU, Jing; WANG, David Der-wei. (Ed.). **Global Chinese Literature**. Critical Essays. Leiden y Bosten: Brill, 2010.

TSU, Jing; WANG, David Der-wei. Introduction. *In*: TSU, Jing; WANG, David Der-wei. (Ed.). *Global Chinese Literature. Critical Essays*. Leiden y Bosten: Brill, 2010, p. 1-14.

VERGARA, Eduardo. **Un maestro en la perifería del capitalismo**. Relectura de “As ideias fora do lugar” (1973), de Roberto Schwarz. Tesis de magister. Universidad de Chile. Facultad de **Filosofía y Humanidades**, 2018.

WIDMAIER, Rita. (Ed.). Gottfried Wilhelm Leibniz. Der Briefwechsel mit den Jesuiten in China (1689-1714). Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2006.